

Resenha:

## *Filhos de Deus* ou Cabo Verde revelado pelas vozes femininas de Dina Salústio

Demétrio Alves Paz<sup>1</sup>

Bernardina de Oliveira Salústio, nascida em 1941, na Ilha de Santo Antão, Cabo Verde, é autora das obras *Mornas eram as noites* (1994), *A louca de Serrano* (1998), *A estrelinha Tlim, Tlim* (1998), *O que os olhos não veem* (2002), *Filha do Vento* (2009) e *Filhos de Deus* (2018). Além de escritora, foi professora, jornalista e assistente social. A autora faz parte de uma geração surgida a partir dos anos 80, ligada à revista *Ponto e Vírgula*, mas cujas raízes encontram-se nos anos 30 em escritores como Baltasar Lopes e Manuel Lopes, sendo seguidos entre os anos 40 e 70 por Teixeira de Sousa, Manuel Ferreira, António Aurélio Gonçalves, Luís Romano, Teobaldo Virgínio, Gabriel Mariano e Orlanda Amarilis, entre outros.

Em *Filhos de Deus* (2018), há trinta e cinco textos, que a autora chama de contos e monólogos. Tal como em *Mornas eram as noites* (1994), temos aqui uma viagem por Cabo Verde, arquipélago africano, vinculado aos PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa). Por uma questão metodológica, observamos que há quatro principais temas: a condição feminina; o arquipélago; a insularidade e os textos teórico-críticos.

A condição feminina é o primeiro e mais numeroso grupo. Nas histórias, há mulheres que foram abandonadas pelos maridos e filhos que cresceram sem o pai; narrativas de violência doméstica em que largar tudo e ser independente parece ser a única solução; contos em que aparecem as diferenças sociais entre homens e mulheres: falta de escolaridade, subempregos, liberdade sexual. Nos contos ocorre uma grande síntese da sociedade cabo-verdiana, pois aparecem mulheres dos diferentes estratos sociais. E, em todos eles, as mulheres são fortes e quebram as amarras da sociedade patriarcal.

Em “Juntas atrás do sol”, amigas reúnem-se para um almoço. Nele, trocam-se confidências, o que há três anos não faziam. Nesse tempo, todas viveram algo que querem compartilhar, principalmente decepções amorosas, ligadas à separação. Todas tiveram relacionamentos que acabaram por algum motivo não revelado, mas Maria possuía a cicatriz que comprovava o que havia sofrido.

Desse modo, ao percebê-la, as outras amigas refletem sobre o que não contaram, sobre o que já sofreram e suportaram, sobre o quanto é difícil falar a verdade sobre abusos e violências. Nesse ambiente, uma vez acolhedor, agora sufocante, Betty, a dona da casa, abre a janela para entrar o sol e “As outras mulheres levantaram-se e, juntas, saíram atrás do sol” (SALÚSTIO, 2018, p. 39).

Em outro conto, numa noite de Natal, a narradora de “Falsa fábula” escuta mais uma vez as histórias, contadas pela mãe, do pai que a filha não teve. A mãe idealiza e torna o pai um herói. Contudo, não é assim que a filha o vê. Enquanto a mãe narra tudo o que o pai teria feito, a narradora relembra tudo o que ele não fez por ela e toma consciência de que a falsa fábula tem de acabar para que as duas possam ter uma vida melhor.

---

1 Professor Associado de Teoria Literária e Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) *Campus* Cerro Largo – RS. Atualmente desenvolve os projetos de pesquisa “O conto africano contemporâneo de língua portuguesa de autoria feminina” com bolsa de I.C da FAPERGS e “Escrivivências: o conto afro-brasileiro de autoria feminina”, com bolsa de I.C do CNPq. Também coordena o Programa de Extensão “Relações étnico-raciais na Educação Básica”.

Há algumas semelhanças com o conto “O peru de Natal”, de Mário de Andrade. Em ambos temos uma figura paterna idealizada pela mãe, que é desconstruída pelos narradores. Se no conto brasileiro o pai é real, mas extremamente controlador e explorador, no conto cabo-verdiano o pai (ir)real é exposto pelo seu egoísmo, abandono e irresponsabilidade. A solução em ambos é a mesma, expor as farsas do pai é o meio mais seguro de apagar a memória dessa figura.

Já a narradora de “Filhos de Deus” conta a história de Nha Teodora, costureira, que, como tantas outras mulheres em Cabo Verde, tem de sustentar os filhos sozinha, pois foi abandonada pelo pai deles. Quando criança a narradora era frequentadora assídua da casa dela. Lá, ficava-se sabendo de tudo sobre a vizinhança. Um dia, cheia de curiosidade, a narradora pergunta sobre o pai dos filhos e a costureira responde que eles são filhos de Deus. Ela não compreende naquele momento o que isso quer dizer, sendo inclusive escarnejada por isso.

Anos depois, com a morte de Nha Teodora e o aparecimento do pai dos filhos, ela não só compreende como também se indigna com o fato e questiona-se: “Que pai aquele? Que pai aquele que esquecia os filhos e não poupava a mulher?” (SALÚSTIO, 2018, p. 32).

Outros contos que pertencem a mesma temática são: “Sapatos de verniz”, “Doces vizinhas”, “Domingo como uma onda de liberdade”, “Vontade de chorar”, “My frok”, “Preço de uma vida”, “Bateu à porta”, “Tarde molhada”, “A bela e o monstro”, “A outra história”, “Não se pode confiar nos gatos”, “O meu irmão Cristiano”, “pedido de casamento”, “vou apagar-te”, “Monólogo para a Bia”, “A ilha da ira” e “A coisa certa ou uma funda melancolia”.

O segundo grupo é o das narrativas sobre o arquipélago em que há descrições de aspectos sobre as ilhas em geral ou alguma especificidade geográfica, cultural e histórica. Fazem parte desse grupo: “Sopa de coentros: Receita de Nossa Senhora da Luz”, “Bordeira”, “Cabo Verde cantar... ou chorar apenas” e “Sentia-se a gota fazendo-se ao longe”.

O carnaval é uma festa popular pagã ou religiosa? A narradora de “Sopa de coentros: Receita de Nossa Senhora da Luz” propõe-se a contar uma história sobre a festa, mas destaca que na narrativa faltará os elementos principais da celebração: música, cores, cheiros, sentimentos. Contudo, assume a tarefa de transformar a narrativa oral de São Cabelereira em narrativa escrita. Um ano antes, o grupo carnavalesco ficou sem patrocinadores e a festa estava comprometida. No dia seguinte tinham de pagar os tecidos, porém não havia dinheiro. À noite, com um frio fora do normal, quando todos estavam reunidos no clube, ouviram a São anunciar que não sairiam no carnaval.

Desolada, sem ter muito o que fazer, São Cabelereira decide preparar algo para todos comerem e pede ajuda de Nossa Senhora da Luz. Aos poucos foram surgindo os ingredientes, que as pessoas foram trazendo e a sopa de coentros foi tomando corpo e o cheiro espalhando-se pela cidade. Surgiu, primeiramente, um comprador para a sopa, o que causou estranheza, mas a oferta foi boa. Depois, vários outros compradores surgiram, de tal forma que a demanda foi tanto que tiveram de preparar mais sopas. Com a arrecadação, puderam pagar os tecidos e, como forma de agradecimento à Nossa Senhora da Luz, São Cabelereira prometeu apoiar a procissão da santa. No final, resta a pergunta: “Carnaval, uma festa pagã?” (SALÚSTIO, 2018, p. 21).

A insularidade, terceiro grupo de narrativas, é uma constante na literatura cabo-verdeana. Nessas narrativas há migrantes que aparecem de distintas formas. Há aqueles que retornam para férias ou breves períodos; há os que estão longe e não voltam mais, mas

colaboram, enviando dinheiro para ajudar o sustento de mãe e familiares; há os que vão e retornam, ainda que um pouco diferentes.

Uma mãe recebe a carta de seu filho que partiu há um ano, dois meses e quinze dias em “A carta”. Desde criança ela não gostava de receber cartas. Imaginava que alguém no correio as lia antes e que só as com boas notícias eram entregues. Pensava também no filho, na partida dele, na vida que levava na Europa, no tempo que demorava para mandar notícias.

Desconfiada do tipo de informações que poderia encontrar na carta, a mãe resolve chamar o filho mais novo para lê-la, mas não sem, antes, executar um ritual ao abrir a carta, beijá-la, colocá-la perto do peito para só depois entregá-la para leitura. Enquanto a mãe ainda assimilava as notícias de Cirilo, o filho mais novo corria em direção a casa da tia dizendo que o irmão enviara um cheque.

Outros textos que têm o mesmo tema são: “Eu já tinha minha bandeira”, “São Nicolau minha ternura brava”.

O último grupo de textos é o de teórico-críticos, nos quais há uma preocupação em falar sobre aspectos culturais das ilhas ou sobre o ato de escrever. A diferença entre estes e os do arquipélago é que não são narrações, são textos com um caráter mais ensaístico.

“Condição de Ilhéu” é um dos textos teóricos que retoma como tema a insularidade cabo-verdiana. Nesta reflexão, o mestiço é a junção da África e Europa nas ilhas. Ele é o estranho, olhado com desconfiança por ambas as partes, além disso ele fala uma língua também mista: o crioulo. O ilhéu é, portanto, esse ser misto e novo, em um lugar diferente, procurando a sua essência, numa linguagem nova e única.

As duas línguas de Cabo Verde têm relações com o poder. Para a autora, o português, língua oficial e de boa parte da literatura produzida, deve ser acessível a todos por meio de educação formal, ao contrário do que acontece com o crioulo, falado pelas camadas mais baixas da população. Uma das lutas do governo deve ser para que as duas línguas tenham o mesmo *status* e acesso por parte dos jovens. Contudo, resta ainda a questão: o que é ser ilhéu?

Ser-se ilhéu cabo-verdiano é sentir-se isolado muitas vezes muitas vezes, sentir-se algumas vezes castigado por algo que não se sabe. É também ter essa vontade de partir, levar a ilha conosco, mostrar-lhe outros destinos, inventar um manto maravilhoso para a cobrirmos e voltarmos depois com ela para o nosso canto e cantares. (SALÚSTIO, 2018, p. 97)

Essa espécie de eterno retorna às ilhas é uma das facetas do ilhéu, assim como a necessidade de levar consigo algo delas. O ilhéu também tem de ser consciente e orgulhoso das mudanças, afinal, muito mudou desde a independência política. As artes igualmente cambiaram e o progresso está em curso. Há, contudo, diversos problemas ainda por resolver e essa é outra função para o ilhéu. Assim como nas narrativas, é uma constante nos textos ensaísticos esta mesma preocupação.

Outros textos dessa categoria são: “Crônica da escravatura ou nossos avós estavam lá. De um lado e do outro.”, “uma rua chamada planeta”, “o texto que não consigo escrever”, “As estrelas do meu céu”, “morna, alma e batuco” e “parceira da humanidade”.

Em *Filhos de Deus* temos um panorama de uma sociedade que é movida por mulheres e muitas vezes não as reconhece como força motriz. As ilhas que são um universo à parte e, ao mesmo tempo, parte de um todo. Ilhéus que vão, que retornam, mas que sempre levam algo do arquipélago consigo e ajudam os que ficaram. Textos que refletem

a realidade social, política, histórica, cultural e literária das ilhas no cruzamento de três continentes (África, América e Europa), carregando marcas da colonização, do desprezo, do descaso, mas que soube aproveitar tudo isso e fazer não só uma nação, como também uma literatura que refletisse vários aspectos da sociedade cabo-verdiana.

Referências:

SALÚSTIO, Dina. *Filhos de Deus*. Praia: Biblioteca Nacional de Cabo Verde, 2018. 139 p.

Recebido em: 30/04/2019; Aceito em: 07/05/2019